

---

GRAÇA CAPINHA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

## **Tecendo e distorcendo o colonialismo da linguagem: um pequeno e quotidiano exercício de poética**

---

65

**P**edem-me frequentemente que explique como é possível estudar simultaneamente Poetas com «P» grande e poetas com «p» pequeno. Devo dizer que a justificação, em si, me incomoda mas, ao reconhecer a minha dificuldade perante a distinção, a sua verbalização foi-se tornando para mim cada vez mais importante e esclarecedora. De facto, quando comecei a interessar-me, há alguns anos atrás, pela poesia escrita por emigrantes portugueses (leia-se, presumo, poetas com «p» pequeno), estava longe de imaginar a importância que esse tipo de trabalho iria assumir na minha prática de estudiosa e professora de poesia. Precisamente porque o primeiro resultado da minha pesquisa empírica foi confirmar, de uma maneira muito prática e pragmática, que não há poetas com «P» grande e poetas com «p» pequeno. Há poetas. Gente que trabalha ludicamente o material sonoro, de natureza social e histórica, a que chamamos linguagem e que, nesse jogo, nos ilumina a realidade. Por iluminar, quero exacta-

mente referir o processo «mágico» e «científico», que resulta da observação e da experiência, e que se traduz em novas metáforas. Depois, nós. E sobretudo «os outros». Julgando — isso sim, com poderes com «P» grande e «p» pequeno — a importância das metáforas.

Observando os pequenos nichos — ousarei dizer laboratórios? — que são as comunidades emigrantes, o «microscópio» torna-se quase desnecessário. O processo de desterritorialização e reterritorialização «desloca» a linguagem de forma óbvia. E, nesse deslocamento, a hierarquia dos poderes, que lhe estão subjacentes, revela-se. O poeta emigrante dá voz a esse novo conhecimento que a comunidade, na sua experiência, partilha. É essa consciência da linguagem e dos poderes que a estruturam que a poesia, de uma maneira ou de outra, transporta. Foi esse tipo de conhecimento que tantas vezes me deixou boquiaberta quando verbalizado, ainda que incipientemente, por gente que, não só nunca leu os poetas com «P grande», como nem sequer sonha com os anos de reflexão que as bibliotecas guardam sobre estas questões.

A relação intrínseca da poesia com a experiência da comunidade traduz-se então na luta por uma sobrevivência que é também — aqui, claramente — uma sobrevivência na linguagem, lugar onde as novas e as velhas hierarquias de poder se encontram e se chocam. A luta será sempre pelo domínio da realidade: assimilando as metáforas dominantes ou resistindo-lhes. Aceitando o colonialismo da linguagem ou lutando por uma negociação permanente das metáforas que acompanham o processo histórico e social da vivência humana. Ser poeta é apenas ser uma voz participativa neste processo. O tamanho dos «P»s tem que ver com outras hierarquias, de que não quero ocupar-me. Em vez disso, gostaria antes de propor um exercício que é apenas a leitura de um texto poético que reflecte precisamente sobre a questão do colonialismo da linguagem a partir de um contexto histórico que, passe o aparente paradoxo, repete a originalidade do processo cíclico que o próprio colonialismo representa. Esse contexto é o da «descoberta» do Brasil pelos portugueses e pela língua portuguesa. Ilustro, com este exercício, apenas mais um dos momentos de «iluminação» que a pesquisa sobre a poesia dos, hoje, emigrantes (já não, colonos) portugueses no Brasil me trouxe para a (re-)leitura dos poetas norte-americanos e para a forma como hoje os ensino a ler aos meus alunos.

BRAZIL, JANUARY 1, 1502

... embroidered nature... tapestried landscape.

— *Landscape into Art*, by Sir Kenneth Clark

Januaries, Nature greets our eyes  
exactly as she must have greeted theirs:  
every square inch filling in with foliage —  
big leaves, little leaves, and giant leaves,  
blue, blue-green, and olive,  
with occasional lighter veins and edges,  
or a satin underleaf turned over;  
monster ferns  
in silver-gray relief,  
and flowers, too, like giant water lilies  
up in the air — up, rather, in the leaves —  
purple, yellow, two yellows, pink,  
rust red and greenish white;  
solid but airy; fresh as if just finished  
and taken off the frame.

A blue-white sky, a simple web,  
backing for feathery detail:  
brief arcs, a pale-green broken wheel,  
a few palms, swarthy, squat, but delicate;  
and perching there in profile, beaks agape,  
the big symbolic birds keep quiet,  
each showing only half his puffed and padded,  
pure-colored or spotted breast.  
Still in the foreground there is Sin:  
five sooty dragons near some massy rocks.  
The rocks are worked with lichens, gray moonbursts  
splattered and overlapping,  
threatened from underneath by moss  
in lovely hell-green flames,  
attacked above  
by scaling-ladder vines, oblique and neat,  
«one leaf yes and one leaf no» (in Portuguese).  
The lizards scarcely breathe; all eyes  
are on the smaller, female one, back-to,  
her wicked tail straight up and over,  
red as a red-hot wire.

Just so the Christians, hard as nails,  
tiny as nails, and glinting,  
in creaking armor, came and found it all,  
not unfamiliar:  
no lovers' walks, no bowers,  
no cherries to be picked, no lute music,  
but corresponding, nevertheless,

to an old dream of wealth and luxury  
 already out of style when they left home —  
 wealth, plus a brand-new pleasure.  
 Directly after Mass, humming perhaps  
*L'Homme armé* or some such tune,  
 they ripped away into the hanging fabric,  
 each out to catch an Indian for himself —  
 those maddening little women who kept calling,  
 calling to each other (or had the birds waked up?)  
 and retreating, always retreating, behind it.

(Bishop, 1988: 91-92)

Ainda que marginalizado pelo discurso dominante dos últimos quatro séculos, o discurso poético reclama para si a possibilidade do conhecimento que escolas como a L-A-N-G-U-A-G-E<sup>1</sup> — claramente derivativas dos manifestos modernistas da viragem do século — e, ultimamente, mesmo algumas vertentes das próprias Ciências (Sociais e não só) lhe vêm reconhecendo<sup>2</sup>. Este poema de Elizabeth Bishop é um exemplo acabado que em tudo confirma o discurso poético como uma alternativa séria no actual (global?) contexto pós-moderno de negociação da hierarquia dos discursos do conhecimento.

Ao ler este texto da década de 50, encontro tratadas algumas das questões mais actuais e relevantes para o desenvolvimento das Ciências Humanas: ecologia e história; pós-colonialismo e/ou globalização; facto e narrativa (ou ausência dela); representação, poder e linguagem; a questão do observador e do interlocutor; a ambiguidade e o paradoxo inconciliáveis no discurso dos que dominam e no discurso dos que são votados (ou que a si próprios se votam, como resistência) ao silêncio; o texto como realidade autónoma e ideológica e as identidades em processo, que o formam e que dentro dele se formam.

As questões da história e da representação e da natureza e do artefacto surgem-nos imediatamente através do título e da epígrafe: a descoberta e a tapeçaria, a natureza e o trabalho de perícia que é o bordado que a irá irremediavelmente

<sup>1</sup> Militantemente assumida; por exemplo, em manifestos como o de Charles Bernstein (1992).

<sup>2</sup> O recentemente publicado Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das Ciências Sociais é um bom exemplo desse esforço (Wallerstein et al., 1996). Mas mais arrojado a esse respeito é, sem dúvida, o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (1995).

transformar — o descobrimento e o encobrimento do Outro<sup>3</sup>, inscritos na própria passagem do tempo que traduz a construção (1500-1502), que é também a construção da linguagem.

Na primeira estrofe, encontramos-nos a nós próprios, colonizadores, no processo de desbravamento de uma realidade nova e desconhecida. E encontramos-nos também, e sobretudo, no olhar daqueles outros colonizadores que nos antecederam: no olhar que a História nos narra e que dá forma já a esta nossa maneira de olhar. Esta narrativa é a tapeçaria, a linguagem com que representamos: produto e ordem da nossa própria experiência e produto e ordem que herdámos de outrem e que, assim, domina já o nosso olhar dominador («Nature greets our eyes/ as she must have greeted theirs»).

A tapeçaria transforma-se na natureza. Ela é a única natureza possível: a metáfora que cobre num bordado totalizante («every square inch»), que cobre obsessiva («big leaves, little leaves, and giant leaves») e necessariamente — para que a ameaça do desconhecido («big», «giant», «monster») seja neutralizada e dominada. Isto é, num acto colonizador. E, no entanto, esse acto de violência não é linear: dá-se conta de sutilezas e *nuances*; mesmo que a contra-gosto, vai manter e criar novas ambiguidades que a diversidade do real exige, o real que se descobre e o que a memória transporta («blue, blue-green, and olive», «lighter veins and edges», «yellow, two yellows»).

A primeira estrofe termina não só com a ambiguidade, mas também com o paradoxo, que junta dois tipos de criação: a pura e primeva (a divina, se quisermos) e a humana, colonialista, que transporta, na memória, as regras de um tempo e de um espaço que têm a ver com uma experiência passada. Será essa experiência que irá agora permitir a criação da tapeçaria, da nova (velha) linguagem, da narrativa.

Natural e humana, ambas as formas de criação são sólidas («solid»), concretas, físicas; e ambas são ilusão («airy»): a primeira, porque fica além da nossa representação, inacessível; a nossa, porque é *mera* representação. Ambas são permanentemente re-criadas («fresh») e totalizadas («finished»), pelo inevitável ciclo da vida; ambas são realidades autónomas, que permanentemente se tornam independentes de nós («taken off the frame»).

---

<sup>3</sup> Sobre «Descobrimientos e Encobrimientos» vd. Santos (1993: 5-10).

Penso que dificilmente poderíamos falar de forma mais arguta do processo de colonização. Da complexidade narrativa que significa a história do colonialismo — como Said (1994) ou Bhabha (1994), mas também Clifford (1988), demonstram num outro registo; e dificilmente poderíamos falar de forma mais arguta do carácter colonialista, sobre a natureza e sobre aqueles que a habitam, imanente a qualquer acto de linguagem — como defendia já o Foucault de *Les mots et les choses* (1966). Mas, sobretudo, como diria também Said, ao reflectir sobre a questão do observador, num artigo a que deu o título «Representing the Colonized: Anthropology's Interlocutors» (1989: 205-225) de como «Innocence is now out of the question of course». A realidade é que nascemos tarde e que a nossa vivência, a que gostamos ilusoriamente de chamar «pós-colonialista», é marcada por uma ordem da linguagem que se gerou também num passado colonialista. Como diria ainda Said: «there is no discipline, no structure of knowledge, no institution or epistemology that can or has ever stood free of the various sociocultural, historical, and political formations that give epochs their peculiar individuality» (1989: 212)

É esse o Pecado de que Bishop nos fala na segunda estrofe do poema. Um pecado que toma conta do presente: «in the foreground there is Sin». Na tapeçaria da linguagem permanecem dragões de uma outra vivência, de um espaço outro e de uma ordem outra, que o colonizador transporta consigo. Não há pois inocência possível. Nem para o investigador — nem para aquele que deve «meramente observar».

É pois uma lógica de violência e contra-violência, de que Fanon nos fala a propósito da cidade colonial (1969), que iremos encontrar referida como Pecado, na segunda estrofe do poema: a tapeçaria mostra apenas «metade» («only half») e a presença poderosa dos dragões e das rochas que lhes servem de cenário é ameaçada por uma violência igualmente poderosa, mas subreptícia. Uma violência que surge das entranhas da terra, da natureza selvagem que se pretende dominar («Threatened from underneath by moss/ in lovely hell-green flames»). Contra esta, a violência da ordem imposta por uma natureza «plantada» pelos colonos, uma ordem marcada pela própria regularidade da rima interna («attacked above/ by scaling-ladder vines, oblique and neat»).

O paradoxo que se gera, «oblíquas e claras», segue-se no verso seguinte: «'folha sim, folha não' (em português)»,

(«one leaf yes and one leaf no» [in Portuguese]). A violência e a contra-violência, a batalha que se trava, entre a força que quer dominar e a força que se tenta manter livre da dominação, não se resolve nunca neste poema sobre o Brasil. Parece ser um processo permanente, e o que permanece, tanto na natureza como na sua representação, é a ambiguidade que resulta do paradoxo: «folha sim, folha não» — que é «o mesmo» e que é «o outro», o português de Portugal e o português do Brasil, ousaria dizer.

Não se fala mais de Portugues(es) no texto. Na terceira e última estrofe, encontramos, em sua vez e de forma mais globalizadora, os Cristãos, metaforicamente identificados com os lagartos do final da estrofe anterior, de cujo seio se destaca a presença da fêmea ameaçadoramente criativa. E regressa o paradoxo: os Cristãos/lagartos chegam e descobrem um tudo novo, que lhes é simultaneamente familiar («came and found it all,/ not unfamiliar») — e «correspondente». Um novo que é velho: o poder dos sonhos de riqueza e de prazer, que caracterizam a humana condição.

O colonialismo parece pois ser inevitável se o entendermos na sua realidade ontológica mais vasta: uma realidade de dominantes e de dominados, uma realidade em que permanentemente distinguimos o «outro» do «mesmo», uma realidade que continua, ainda hoje, a definir a nossa história humana, tal como Balibar e Wallerstein nos mostram, ao abordarem o actual contexto de globalização da economia mundial (1991); ou o próprio Alfredo Bosi (1992), partindo da antropologia materialista e usando a especificidade literária, colonial e pós-colonial, brasileira: O nosso novo prazer de Descobrir, continua a ser o velho poder de dominar e possuir «o outro».

No final do poema, e sarcasticamente, parece ser essa a imagem do Pecado da Criação: depois da missa, trauteando uma «civilizada» canção francesa, os masculinos colonizados/ cristãos «atiram-se» à tapeçaria (ao Novo: na Criação, na Linguagem, na Natureza) para agarrar e possuir o que se julga virá a ser dominado. Este surge-nos aqui como elemento feminino: a Índia — o que implicitamente comenta e alarga a qualquer forma de dominação o âmbito e significado de colonialismo.

A nota optimista reside nos últimos três versos: é que estas mulheres índias vão solidariamente comunicando entre si (decerto não em português, mas numa linguagem próxima da dos pássaros: «[or had the birds waked up?])» e retroce-

dendo, adentrando-se na selva — recusando-se à relação/interlocação com o dominador.

O que fica é a superfície, a representação, uma forma de linguagem que cobre a realidade — a linguagem do colonizador que é, nem mais, nem menos, que a tapeçaria.

A realidade última do ainda por dominar e o eterno mistério da Criação (que é também a do ventre feminino) parecem assim permanecer livres, sempre atrás da tapeçaria, sempre «outros» ainda por representar, sempre diferença inesgotável, na selva desconhecida. Parece residir aí a nossa última e humana possibilidade de redenção, que, paradoxalmente, não deixa de ser também a eterna possibilidade de criar representações diferentes, novas tapeçarias e narrativas diferentes. Talvez por isso, o novo paradigma de que fala Kuhn, o novo epistema de que fala Foucault, ou o novo senso comum de que fala Boaventura de Sousa Santos, sejam, não só possíveis, como inevitáveis.

O importante é, sem dúvida, olhar para estas «narrativas», de dominantes e dominados, como processos históricos, sempre dinâmicos e em mutação.

Simultaneamente, e usando um poema da década de 50, mostrando que a dinâmica abertura do discurso a outros espaços é muito mais poética que narrativa e que será provavelmente nos interstícios da lógica causal e sequencial com que nos habituámos a pensar o mundo, de forma fechada e gramatical, que a possibilidade da abertura existe. É também uma questão de hierarquias de poder, no discurso de conhecimento. E de um colonialismo, que parece, finalmente, estar a abrir-se à negociação. ■

## Referências Bibliográficas

- Balibar, Etienne; Wallerstein, I. 1991 *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities*. London: Verso.
- Bernstein, Charles 1992 *A Poetics*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bhabha, Homi K. 1994 *The Location of Culture*. New York: Routledge.
- Bishop, Elizabeth 1988 *The Complete Poems, 1927-1979*. New York: Farrar, Straus, Giroux.
- Bosi, Alfredo 1992 *Dialéctica da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Clifford, J. 1988 *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge: Harvard University Press.
- Fanon, Franz 1968 *The Wretched of the Earth*. New York: Grove Press.
- Foucault, Michel 1966 *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard.
- Said, Edward 1994 *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books.
- Said, Edward 1989 «Representing the Colonized: Anthropology's Interlocutors», *Cultural Inquiry*, 15, (2).
- Santos, Boaventura de Sousa 1993 «Descobrimientos e encobrimientos», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 38, 5-10.
- Santos, Boaventura de Sousa 1995 *Towards a New Common Sense. Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.
- Wallerstein, Immanuel *et al.* 1996 *Para abrir as Ciências Sociais*. Lisboa: Publicações Europa-América.